

José Maria de Carvalho Mesquita  
Júlio de Mesquita Neto  
Luiz Vieira de Carvalho Mesquita  
Ruy Mesquita  
César Tácito Lopes Costa  
José M. Horácio de Moraes  
Olivio de Faria

TARDE

29 JAN 1988

ISSO MESQUITA

## O PMDB corrompido pelas delícias do poder

O processo de autodesmoralização em que o PMDB está mergulhado serve para comprovar, mais uma vez, o quanto estava certo lordes Acton quando observou que "todo poder corrompe, e o poder absoluto corrompe absolutamente". Mesmo com os desvios naturais a qualquer instituição humana, mesmo com alguns desvios radicais que alimentava, é inegável o papel que o PMDB (antes MDB) exerceu na luta pela redemocratização do País a partir de sua criação, em 1965. Tanto que, com justiça, ele foi brindado pela população, a partir de 1974, com votações cada dia maiores até que, também por uma questão de justiça, tornou-se o maior partido brasileiro, muitos corpos de luz à frente dos outros.

Infelizmente, porém, o PMDB não fugiu a esta fatalidade que é um dos traços mais condenáveis da "cultura" nacional: tão logo ganhou o poder, com a eleição dos primeiros governadores oposicionistas e, principalmente, a partir do pleito de 1986, ele foi perdendo aquela aura de combatividade e seriedade que carregava e mergulhou na via comum da política brasileira. Tornou-se um partido fisiológico, oportunista, autoritário, preocupado apenas em manter o poder onde já o detinha ou em conquistá-lo a qualquer custo onde ainda não se apossara dele.

Essa mudança de caráter do PMDB/MDB, uma traição ao eleitorado que confiou nele, que acreditou nas palavras de seus líderes, já pôde ser comprovada à exaustão pelo comportamento do partido nestes três anos de "Nova" República (é governo quando se trata de receber e é oposição quando se trata de dar); pela desastrosa atuação da maioria de seus governadores; e por sua desastrosa atuação na Assembleia Nacional Constituinte (onde oscila entre a mais pura demagogia e o mais deslavado fisiologismo).

Neste final de semana, durante as convenções municipais e zonais do partido para renovação dos diretórios, tivemos mais uma exibição pública dessa nova face do PMDB. Ou seria da única e verdadeira, que esteve escondida sob o disfarce da resistência ao autoritarismo? O espetáculo do final de semana que os peemedebistas proporcionaram revelou em toda a sua extensão um partido autoritário, dado à prática de fisiologismo, quase um apêndice da máquina administrativa estatal e que se está distanciando cada vez mais do povo. Exatamente como eram a falecida Arena e o hoje diminuto PDS, duas legendas que o PMDB combateu com veemência e sucesso, criticando esses defeitos que agora incorporou.

Os resultados das convenções ainda não tinham sido oficialmente divulgados quando escrevamos este editorial, mas todas as informações disponíveis já davam como certa uma ampla vitória dos governadores que terão amplo domínio sobre os diretórios. Em São Paulo, por exemplo, Quéricia fez 70% dos novos dirigentes peemedebistas, no Rio e em Minas Moreira Franco e Newton Cardoso abisocifaram cerca de 80% das vagas e não foi diferente no resto do País. Esses dados só vêm comprovar o que já estava sendo denunciado por alguns peemedebistas antes das con-

venções: as máquinas oficiais do Estado e das prefeituras foram mobilizadas para pressionar os convençãois e garantir o domínio dos diretórios pelos governadores e seus amigos.

E para isso valeu tudo: ameaças, promessas de ajuda e de cargos, distribuição de favores. O que aconteceu em São Paulo é ilustrativo. Há muito tempo vários diretórios na Capital vinham denunciando que funcionários do Estado estavam percorrendo a cidade distribuindo tickets de leite da Secretaria de Ação Comunitária (do "tudo pelo social" do sr. Sarney) em troca de filiação partidária. Houve também, comprovadamente, "tráfico" de inscrição nos programas de casas populares por filiação no PMDB. Foi por causa desses fatos que, no domingo, Maria de Lourdes Silva, fundadora do PMDB do Tatuapé, retirou sua chapa da disputa e abandonou o partido. O deputado Rubens de Lara, candidato a prefeito de Santos, também desistiu de concorrer com seu grupo a cargos no diretório, desanimado "com os métodos que setores do PMDB utilizam para se manter no poder". O deputado Manoel Moreira, conhecido como Mané Maioria, por sua incrível capacidade de estar sempre do lado vencedor, candidato de Quéricia à prefeitura de Campinas, com a ajuda do governador e desses métodos, conseguiu 18 mil novas filiações para o PMDB, todas comprometidas com a sua candidatura.

A questão que envolve essa disputa pelos diretórios é uma só: a luta pelo poder. Quem controla os diretórios, pela legislação eleitoral e partidária autoritária herdada pela "Nova" República dos generais-presidentes e mantida absolutamente intacta, é quem escolhe o candidato a prefeito. A convenção, um jogo de cartas marcadas, apenas homologa o nome que saiu do bolso do colete do "dono" do partido. A ditadura das cúpulas no partido é total. Essas convenções são democráticas apenas na aparência, pelo barulho que fazem alguns militantes, pelos discursos eufóricos de alguns líderes e pelas bandinhas contratadas para animar a festa, como num circo. Os cargos já foram previamente loteados nos conchavos dos gabinetes. As bases partidárias não opinam, são simplesmente induzidas a votar nos nomes escolhidos pelas elites. E elas se perpetuam nas direções partidárias.

A consequência disso é que, praticamente, não há renovação nos quadros partidários brasileiros. Os que saem são substituídos por outros com a mesma mentalidade. Tomemos novamente o caso de São Paulo: os diretórios do PMDB ficaram nas mãos do governador Orestes Quéricia e do vice-governador Almino Afonso. Ou seja: os candidatos a prefeito nas cidades paulistas irão sair do grupo deles, o que ainda é um reforço na disputa pela sucessão de Quéricia, na qual Almino é candidato. Não é para se ter muitas esperanças: dificilmente encontraremos colsa mais arcaica na vida pública nacional do que gente como os srs. Quéricia e Afonso.

Mas o PMDB já começa a pagar por isso, embora a maioria de seus líderes não tenha percebido esse fato: ele já está perdendo espaço e já não é mais aquele partido de grande apelo eleitoral que foi até o estelionato praticado nas urnas em 1986. A prova está nas convenções de domingo passado: elas correram desanimadas, com um mínimo de participação e praticamente ignoradas pela imensa maioria da população. E este o destino dos partidos que trocam suas convicções pelas delícias do poder.